

BERNARDO SANTUCCI E A NOMENCLATURA ANATÓMICA POR- TUGUÊSA

Quando, há quarenta e tantos anos, fui estudante de Anatomia, caiu-me diante dos olhos a seguinte frase de introdução da obra monumental de Serrano «Tratado de Osteologia humana»:

«A mais lídima glória do ensino da anatomia, na escola de Lisboa, é Bernardo Santucci, italiano de nação — o *prudente e douto anatómico*, segundo o nomeia Sá Matos».

A minha curiosidade de bibliófilo incipiente e de incipiente estudante de anatomia foi excitada, e, logo que o ensejo se me ofereceu, adquiri num alfarrabista um exemplar do manual de Santucci. Mal imaginava que, duzentos anos depois daquele «italiano de nação», haveria eu de ensinar a mesma disciplina e na mesma língua portuguesa!

Aqueles que conhecem o carinho com que, em nossos dias, se professam as ciências morfológicas nas cidades universitárias de Lisboa, Pôrto e Coimbra, não podem calcular como foi penosa, como

foi lenta a iniciação do ensino anatómico em Portugal!

O prefaciador de uma das edições das obras do preclaro Malpighi emparelhava-nos com os russos e os castelhanos nas trevas em que mergulhávamos, no que respeitava a conhecimentos anatómicos.

O ensino anatómico em Portugal só adquiriu certo desenvolvimento em 1556, nos fins do reinado de D. João III, quando se instituiu, no Hospital de Todos os Santos, a aula de cirurgia e anatomia.

Mas, tirando Afonso Rodrigues de Guevara, anatómico de real valor, que, no século XVI, foi professor em Coimbra e em Lisboa, pode dizer-se que, até ao reinado de D. João V, eram de escassos méritos os homens a quem foi dado ensinar anatomia em Portugal.

Muitas vezes, êsse encargo, assim como o de professor de cirurgia, competiu a estrangeiros que, por via da regra, não deixaram grande nome: um dêles chegou a ser condenado à morte e enforcado (Isaac Elliot, cuja vida foi romanceada por Camilo na Caveira Mártir); e o próprio Guevara, que acompanhou D. Sebastião à fatal jornada de Marrocos, não se livra da fama de ser politicamente desleal para a Nação que o acolheu tão benêvolamente.

É muito honrosa para a memória de Santucci a biografia que dêle traçou José António Serrano.

«Moço, discreto, concertado e modesto», — diz o seu notável sucessor, — «Santucci versou a anatomia, mas com saber moderno, positivo e prático».

Nomeado por D. João V, por alvará de 23 de

Maio de 1732, vencia o ordenado, opulento para a época, de 480⁰⁰⁰ por ano e mais 120⁰⁰⁰ para renda de casa.

Dava três lições semanais, que duravam quatro horas, sendo a última destinada a resolver as dúvidas dos alunos. A sua primeira lição foi na 2.^a feira, 7 de Julho de 1732.

Por motivos que ainda não foram esclarecidos, a 6 de Fevereiro de 1739 foi proibido de realizar disseções em cadáveres humanos, mas continuou o ensino teórico. Após 15 anos de exercício docente, obteve licença para se retirar para Itália, para onde foi na situação de reformado.

El-rei D. José condecorou-o com o grau de cavaleiro da Ordem de S. Tiago, o que lhe dava direito a uma pensão de 30⁰⁰⁰ por ano.

Escreveria directamente em português o seu livro? A esta pergunta responde afirmativamente o Prof. Sabino Coelho. Mas o seu contemporâneo D. Tomás Caetano do Bem informou que a obra fôra escrita em italiano, traduzindo-a para a nossa língua um padre indo-português, Celestino Segueineau, filho de um francês, que foi médico da Rainha D. Maria Francisca de Saboia e físico-mor em Gôa.

Serrano é partidário dessa opinião e crê que realmente escreveria Santucci a sua obra em italiano, traduzindo-a Celestino Segueineau para português.

O grande anatómico faz uma desenvolvida crítica do livro de Santucci. As estampas não são desenhadas do natural, mas sim imitação de Valverde e de Vesálio. *Literariamente* — diz Serrano, — já lhe

significámos o nosso aprêço, pela boa linguagem correcta e fácil, por vezes elegante e aprimorada, copiosa de termos de bom cunho português. Trechos há que não iriam mal numa selecta de autores; por exemplo, a dedicatória podia ser subscrita por um verdadeiro mestre, tão distinta é pela dicção pura, singela e conceituosa».

Os italianismos são raros no texto, mas relativamente vulgares nas notas marginais.

«*Cientificamente*», — continua o consagrado professor lisbonense, — «a *Anatomia do corpo humano* não mente aos intuitos, quando se anuncia como recopilação compendiosa e proficiente das melhores doutrinas ao tempo conhecidas».

São honestamente citados 26 autores anatómicos, além de Bluteau e Cicero. É defeituoso o método didáctico, pois Santucci deixou para o fim os capítulos da osteologia e da miologia. Mas outros autores coevos caíram no mesmo êrro.

Não é menos lisonjeira para a memória de Santucci o modo como é tratado por Maximiano Lemos (1).

«Em 1732», — diz o ilustre historiador da medicina portuguesa, — «era Monravá substituído por Bernardo Santucci, com certeza o mais distinto de todos os professores de anatomia do Hospital Real de Todos os Santos. Bernardo Santucci, filho de Carlos Santucci e de Maria Galleaze, nobre, segundo parece,

(1) *Maximiano Lemos* — História da medicina em Portugal, II — Lisboa, 1899.

nasceu num dos primeiros anos do século XVIII em Cortona, no Grão Ducado da Toscana.

Tendo obtido o grau de mestre em Artes, doutorou-se na Universidade de Bolonha, passando em seguida a Florença, onde cultivou os estudos anatómicos, com especial atenção, no Hospital de Santa Maria Nova. Tais créditos grangeou, como médico e como anatómico, que, dentro em breve, era nomeado médico da Câmara da princesa Violante Beatriz da Baviera. Pelos anos de 1730 e com cartas de recomendação da princesa, apareceu em Lisboa e conseguiu obter de D. João V a nomeação para professor de anatomia no Hospital Real, em termos muito honrosos, e com grandes proventos.»

Santucci deu ao ensino uma feição prática, pondo completamente de parte, diz Maximiano Lemos, as frívolas teorias e loucas discussões em que se embrenhava Monravá.

A biografia mais completa de Santucci deve-se a um seu compatriota, Emilio Enrico Franco (1), que foi professor em Lisboa dois séculos depois que por lá passou Bernardo Santucci; e que hoje é, director do Instituto de Anatomia patológica da R. Universidade de Pisa. No prefácio da sua obra diz sentidamente Enrico Franco:

«Mi accingo, quindi, ad una rivendicazione del tutto contraria alle solite. Gli Italiani devono, mol-

(1) *Emilio Enrico Franco* — Un anatomico italiano professore a Lisbona nel Secolo XVIII Bernardo Santucci da Cortona (1701-1764). Bio-Bibliografia documentata e illustrata da figure. Arezzo — MCMXXV.

tissime volte, insegnare agli stranieri quanto essi abbiano fatto: io, invece, devo far conoscere agli Italiani uno dei nostri, chiaro ad altri ed a noi stessi quasi completamente sconosciuto. Non mai avrò compiuto fatica più grata».

Bernardo Santucci nasceu em Cortona, perto de Arezzo, a 4 de Setembro de 1701, sendo filho de Carlo Santucci e de Maria Rosata Galeazze e irmão mais novo do teólogo Pier Antonio Santucci, que foi pároco de S. Cristóvão, em Cortona.

Bernardo Santucci doutorou-se em Bolonha no dia 17 de Maio de 1727, mas parece que, antes de obter esse grau, já exercera a clínica em Florença.

Não se sabe ao certo a data em que Santucci veio para Lisboa; mas é positivo que o anatómico de Cortona foi chamado no dia 4 de Junho de 1729 para tratar o insigne pintor Francisco Vieira Lusitano, de ferimentos por arma de fogo que o atingiu na face e numa espádua.

Três anos antes de morrer, Vieira Lusitano, que a Roma deveu a sua educação artística, escreveu uma auto-biografia em verso *O insigne Pintor e leal Espôso* — 1780, e em 1901 publicou Júlio de Castilho uma obra «Amôres de Vieira Lusitano», em que é versada a biografia do ilustre pintor (1), biografia decalcada no seu ingénuo poema.

Pedro Vitorino (2) descreveu recentemente uma

(1) Neste livro Júlio de Castilho relata minuciosamente a agressão de que Vieira Lusitano foi vítima.

(2) Pedro Vitorino — Vieira Lusitano e sua mulher (*Revista de Guimarães*, xxxviii — 1928).

estampa em que é representado um auto-retrato de Vieira Lusitano segurando um quadro que retrata sua mulher. É curioso verificar que ela, tendo morrido com perto de 80 anos, é representada pelo seu velho marido como se fôsse joven, na época em que foi agredido a tiro, de cujas lesões fôra tratado por Santucci.

Lamentando a viuvez, o inconsolável Vieira Lusitano mandou gravar no fundo da estampa a sentida quadra:

*« Bella Ignez o teu Francisco
Sem ti não pode ter paz
Pede a Deos que elle contigo
Lá vá estar onde tu estás »*

Deus fez-lhe a vontade nove anos depois da morte da esposa.

Era católico praticante Bernardo Santucci, e o prof. Franco descobriu documentos que provam ter-se êle desobrigado do preceito pascal, na igreja do Loreto, todos os anos em que esteve em Lisboa, desde 1730.

Como a agressão a Vieira Lusitano foi no princípio de Junho de 1729, é de crêr que êle tivesse vindo para a nossa capital pouco depois da Páscoa dêsse ano.

Também não se sabe se foi o Rei Magnânimo quem teve a iniciativa de nomear Santucci professor de Anatomia; mas deve ser fora de dúvida que a sua protectora, a princesa Beatriz Violante

da Baviera o recomendaria com êxito à sua conterrânea D. Mariana de Áustria, rainha de Portugal.

Conta longamente Franco as polémicas tremendas que Santucci teve de suportar, os ataques que êle sofreu por parte do seu antecessor, o ridículo Monravà y Roca. Mas não vale a pena relembrar aqui o célebre « Destêrro crítico das falsas anatomias... »

Era deveras minucioso e sensato o Regulamento e o programa a que devia cingir-se Santucci no seu ensino. Êsse Regulamento está incluído no Alvará de nomeação, de 23 de Maio de 1732.

O valor pedagógico e clássico de Santucci pode deduzir-se da leitura do seu livro e das apreciações que deixaram alguns dos seus discípulos, os cirurgiões Manuel José Leitão e Manuel de Sá Matos, e outros contemporâneos, como o insigne Pintor Vieira Lusitano, que se entregou aos seus cuidados logo após a sua chegada a Portugal. Como já disse, Vieira Lusitano, ao sair duma igreja com sua mulher, por instigação de parentes desta, foi agredido com um tiro, de cujas conseqüências foi tratado por Santucci e por um cirurgião alemão.

Bernardo Santucci casou em Lisboa com uma senhora de origem italiana, da qual teve duas filhas, uma das quais nasceu no mesmo ano em que foi publicada a « Anatomia do corpo humano ».

Depois de ensinar quinze anos em Lisboa, voltou à terra natal com sua mulher. Mas, algum tempo depois, veio outra vez a Lisboa, onde o Rei D. José

o agraciou com o grau de cavaleiro da ordem de S. Tiago.

Depois regressou de novo a Itália, morrendo em Florença a 3 de Maio de 1764.

Em 1860 foi dado o nome de Santucci a uma rua de Cortona, sua terra natal.

*

Tinha Bernardo Santucci 38 nnos quando «saíu à luz o primeiro parto do seu entendimento», como refere a sua bela dedicatória ao Rei Magnânimo.

Eis o título completo do primeiro manual de Anatomia humana publicado em português:

«Anatomia do corpo humano recopilada com doutrinas Médicas, Chímicas, Filosóficas, Mathematicas, com Indices, e Estampas, representantes todas as partes do corpo humano, Dividida em tres Livros, e dedicada ao muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal D. João v, Nosso Senhor, por Bernardo Santucci, natural de Cortona, Mestre em Artes, e Doutor em Medicina pela Universidade de Bolonha, Médico da Serenissima Violante Beatriz da Baviera, Grão Princesa da Toscana, e Lente Regio da Cadeira de Anatomia no Hospital Real desta Cidade de Lisboa. — Lisboa Occidental, Na Officina de Antonio Pedroso Galram. — M.DCC.XXXIX. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real».

Essa obra, publicada há duzentos anos, consta de 28 páginas inumeradas, com o frontispício, dedicatória, prólogo, privilégio e licenças, de 18 estampas

gravadas por Miguel Le Bouteux, com as respectivas legendas, que occupam 52 páginas inumeradas e, por fim, do texto e índices, que compreendem 471 páginas numeradas.

Esta obra ainda hoje não é muito rara, o que não admira, pois a sua tiragem foi de 2.000 exemplares.

Não se sabe ao certo se a Anatomia de Santucci foi descrita directamente em português pelo autor, ou se êle a escreveria no idioma pátrio, sendo depois traduzida para a nossa língua.

Como já vimos, Sabino Coelho era de opinião que Santucci a escrevera directamente em português. Porém, Serrano, baseando-se no testemunho de D. Tomás Caitano do Bem, contemporâneo de Santucci, informa que êste escrevera o livro em italiano, traduzindo-o para português o padre humanista Celestino Séguineau.

Longas discussões tem havido a êste propósito, e devo mencionar a opinião eclética de Maximiano Lemos, para o qual Santucci escreveria directamente em português, encarregando Séguineau de rever e de aperfeiçoar a linguagem.

Enrico Franco, não ligando grande importância ao assunto, opina todavia que Santucci, profundo conhecedor da nossa língua, nela tivesse escrito directamente a sua obra.

Para nós, portugueses, tem realmente grande interesse o saber-se a quem devemos a nossa terminologia anatómica: pois é notório que a obra de Santucci, escrita em português, foi a primeira a fixar uma rica nomenclatura da morfologia humana.

Só um século mais tarde é que essa nomenclatura foi ampliada por Soares Franco, e só no fim do século xix é que o mais notável dos nosos anatómicos, José António Serrano, a desenvolveu e actualizou.

Segundo me parece, não pode negar-se que o Padre Séguineau traduziu ou aperfeiçoou a linguagem anatómica de Santucci, tanto mais que as notas marginais do livro, que não teriam sido revistas por aquêlê humanista, apresentam alguns italianismos, que não se encontram no texto.

Como quer que seja, directa ou indirectamente, devemos a Santucci a terminologia anatómica, que, em grande parte, ainda hoje usamos.

O que mais interessa, diz Enrico Franco, não é a maior ou menor pureza da língua e a beleza do estilo, mas sim o pensamento científico e a utilidade prática do livro.

Neste ponto não estou de acôrdo com o anátomo-patologista italiano, pois sou de parecer que a clara e pura exposição literária é indispensável numa obra didáctica.

Merece a memória de Bernardo Santucci a gratidão dos Portugueses, por, em agradecimento à mercê do Rei, se ter considerado como diz, «obrigado a divulgar, em utilidade dos seus vassallos, os seus estudos, para não só os que o ouviam se aproveitasse dêles, mas ainda aqueles, que o não podiam ouvir, também se utilizem».

Não é êste o momento oportuno para fazer a análise do valor científico da «Anatomia do corpo

humano», análise que, aliás, foi já traçada exaustivamente por José António Serrano e por Emilio Enrico Franco.

Também não quero referir-me à crítica malévola do seu invejoso rival Monravá y Roca. Aqueles dois ilustres biógrafos reduziram ao seu limitado valor tais azedas críticas.

Em apêndice à sua memória biobibliográfica, fala Enrico Franco de um trabalho de Hermano Neves, ao tempo apenas anunciado, em que se iriam fazer grandes acusações a Bernardo Santucci.

O trabalho de Hermano Neves foi publicado dois anos depois do de Franco (1). Nele se demonstra que a maior parte das figuras do livro de Santucci foram copiadas, com mais ou menos fidelidade, das estampas da Anatomia de Verheyen, obra escrita em latim, que teve larga voga no século xviii.

Mostrou ainda Hermano Neves que um grande número de trechos do livro de Santucci são simples resumos do compêndio de Verheyen.

Conclue Hermano Neves que Santucci é um mero plagiador, indigno da glória a que o alçaram.

Parece-me exagerada a acusação de Hermano Neves.

Santucci diz, claramente, no frontispício do seu

(1) *Hermano Neves* — O livro de Bernardo Santucci e a «Anatomia corporis humani» de Verheyen — Contribuição para o estudo da obra do anatómico cortonense (*Arquivo de Anatomia e Antropologia*, x, Lisboa, 1927 — *Barbosa Sueiro & Vitor Fontes*, defendem as ideias de H. Neves (*Mémoire historique de l'enseignement de l'anatomie humaine à Lisbonne*, *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, xv, 133q).

livro, que êle é uma Anatomia *recopilada* e não um trabalho de investigação original.

É sabido que, muitas vezes, tanto as estampas como passos do próprio texto, vão passando de autor para autor mais ou menos modificados.

Quantas vezes, até um êrro de observação ou de interpretação não passa de compêndio para compêndio?

Se fôssemos exigentes como Hermano Neves, talvez só um anatómico deixaria de ser considerado plagiador — o grande André Vesálio!

Devemos concordar que Santucci, conforme demonstrou o crítico lisbonense, se encostou demasiadamente ao texto de Verheyen, que, aliás, cita, como tantos outros mais, como uma das fontes da sua recopilação.

A acusação de Hermano Neves é mais inteligente que a de Monravá y Roca; mas é forçoso concordar que ambos são exagerados nas suas críticas.

Santucci está longe de ser um anatómico da categoria de Vesálio, de Eustáquio, de Albino e de tantos luminares dos séculos xvi a xviii.

Mas, na sua modéstia, prestou grande serviço a Portugal, melhorando o ensino duma ciência que tanto custou a aclimatar-se no nosso País, e dando-nos o primeiro manual em que a linguagem anatómica é apresentada em português castiço.

Em trabalho recente, disse, justamente o Professor Castaldi que a Itália foi o berço esplêndido da Morfologia descritiva, da qual foi Mestra do Mundo.

À «ocidental praia lusitana» chegaram com atraso,

as lições maravilhosas das obras de Mondino, Berengario da Carpi, Leonardo de Vinci e de Varálio, bem como das de Falópio, Eustáquio, Varólio, Malpighi, Morgagni, Paccini, Golgi e de tantas outras grandes figuras das ciências morfológicas.

De categoria mais humilde é Santucci, que, no século xviii, trouxe até nós, pessoalmente, as suas proveitosas lições.

Podemos repetir dêle o que, nas primeiras páginas da «Anatomia do corpo humano», diz a «Aprovação» do Santo Ofício:

«Mas se pelo nascimento he de Paiz estranho, na propriedade dos termos, e fecundidade com que no nosso idioma escreveo, parece legitimo Portu-guez. Pela naturalidade do fallar, facilmente persuadirá que desde o berço teve o exercicio da nossa locução».

7-xii-39.

JOAQUIM O. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia
da Fac. de Medicina do Porto